

A VIDA CONTRADITÓRIA DE ALFRED NOBEL
(Condensado da «Saturday Review of Literature »)
Por Harland Manchester

UM DIA, em 1861, um grupo de banqueiros de Paris recebeu, de alguma forma, como quem recebe um importuno, um moço que se dizia interessado em por em prática uma grande ideia. Tratava-se de um sueco: franzino, nervoso, aspecto quiçá doentio, o que não excluía, antes punha em relevo, a firmeza com que confiava em si mesmo e no empreendimento que o empolgava.

«Senhores, » anunciou dramaticamente o rapaz, «eu tenho um óleo com tais propriedades, que é capaz de fazer voar o globo terrestre pelos ares.»

Os banqueiros encolheram os ombros. Mas o candidato a apoio financeiro não se deu por achado. Explicou-lhes calmamente o fato do novo explosivo a que se referia. Não conseguiu, todavia, impressionar de nenhum modo os impossíveis ouvintes, que se apressaram em dar por finda a palestra, pois tinham mais que fazer. Tudo aquilo lhes parecia inteiramente fantástico. Depois, que mal tinha feito o globo, para que desejasse alguém fazê-lo voar pelos ares?

Chegando, entretanto, aos ouvidos de Napoleão III a história do jovem sueco, falou Sua Imperial Majestade a um financeiro, e o certo é que, ao voltar para Estocolmo, já Alfred Nobel dispunha de um crédito de 100 mil francos. A imensa fortuna Nobel, era daí que havia de nascer.

Registe-se que a ele, Alfred Nobel, já não causava maior impressão o perigo dos altos explosivos. Seu pai, Emanuel Nobel, vinha lidando, havia anos, com os mesmos, e inventara uma mina naval, de que a Rússia se servira na guerra da Criméia.

Alfred, o terceiro de quatro irmãos, era, entre estes, o de saúde mais delicada. Teve a mãe uma luta constante para que o filho vingasse. A certa altura, fez ele uma viagem à Europa e à América. Em Paris enamorou-se desesperadamente de uma moça. Esta morreu. Entristecido, amargurado, compenetrou-se Alfred, que tinha então 21 anos, de que o trabalho seria o seu quinhão na vida. Só havia, pois, recolher-se à fábrica do pai, e aí entrar a trabalhar sem tréguas.

Emanuel Nobel estava convencido de que a nitroglicerina, posto que usada até ali, sobretudo, como substância estimulante, em doenças do coração, tinha grandes possibilidades como explosivo. Sem dúvida explodiria, sob determinadas condições. Mas estas condições, quais vinham a ser? Eis o que se ignorava. Às vezes, uma dada porção de nitroglicerina, contida em algum invólucro, caía de alto no chão, e nada acontecia; outras vezes, entretanto, bastava um pequeno choque para que se produzisse uma tremenda explosão. Alfred e o pai tomaram a si a tarefa de devassar o mistério com que o caso os desafiava.

Pouco a pouco, tocou a Alfred a direção das experiências, que o levaram afinal à teoria de que o único meio seguro de fazer explodir o líquido era, retendo-o convenientemente num sólido receptáculo, provocar-lhe, mediante processo adequado, uma explosão primária. Passando da teoria à prática, concebeu e aperfeiçoou a cápsula

detonante—invenção que é a base, ainda hoje, da indústria da dinamite e da nitroglicerina.

Firmes na certeza de contarem com a ajuda de Luiz Napoleão, prosseguiram, pai e filho, na empresa em que se tinham lançado. Mas a nitroglicerina resistia aos que assim procuravam dominá-la. Em maio de 1864, morriam numa explosão Emil, o mais jovem da irmandade Nobel, e quatro operários. O velho Emanuel baqueou, para nunca mais recobrar forças.

Os Nobel não tinham licença para trabalhar com explosivos, de modo que, verificado o desastre, se fez sentir contra eles a ação das autoridades. Alfred, porém, não desanimaria. Mudou a fábrica para uma barcaça, ancorada num lago. Desempenhando a um só tempo atividades de químico, industrial, contabilista e pesquisador, sacrificava as próprias refeições, e daí ter arruinado, por toda a vida, o estômago. Só o que não podia era abrir mão do deliberado propósito, em que se acastelara, de mostrar que o seu óleo explosivo podia ser usado sem perigo.

Com efeito, dentro de um ano, tinha lançado quatro companhias de fabricação do produto, uma em cada qual de quatro países, e o governo da Suécia estava empregando o seu «caldo» nas obras de abertura de um túnel, em Estocolmo.

Havia da sua parte, seja dito, um excesso de otimismo. O reinado de terror da nitroglicerina ia apenas começando. Certa manhã de 1865, a fábrica Nobel da Noruega tinha o destino que Alfred anunciou aos banqueiros como possível de acontecer ao globo sob a violência da explosão de que era capaz o seu óleo: voava pelos ares. Poucas semanas depois, um trabalhador ferroviário na Silésia entendeu de quebrar blocos de gelo, empregando o novo método. Foram encontrar-lhe as pernas a um quilômetro de distancia.

No mês de abril seguinte, 70 caixas de nitroglicerina explodiram a bordo de um navio atracado no Panamá. Houve estragos no próprio cais, e outro navio ficou desmantelado. O número de mortos subiu a 60; os prejuízos montaram a um milhão de dólares. Duas semanas depois, outra explosão de nitroglicerina, num vagão expresso, em São Francisco, causava a morte de 15 pessoas e o desmoronamento de um quarteirão de edifícios.

Ainda eram vivas as impressões do desastre, quando Alfred Nobel chega a Nova York, em viagem de negócios, trazendo consigo uma carga do seu «caldo», sem dúvida explosivo, e cujas explosões já respondiam por verdadeiras catástrofes. Receberam-no, mais ou menos, como se recebe uma praga, um emissário ou portador de desgraças. Todo o mundo tratou de evitá-lo, a principiari pelos hotéis. Anunciada por ele uma demonstração pública numa pedreira, apenas umas vinte pessoas, todos homens, ali se apresentaram, e, ainda assim, guardando distância. Nobel começou por derramar sobre uma chapa de aço um pouco do óleo terrível. Em seguida, levantou um martelo. Os espectadores, a essa altura, procuraram pôr-se a coberto. Do choque do martelo contra o líquido, resultou um vivo estrondo. Mas Nobel nada sofreu; e, atraindo para mais perto os circunstantes, explicou-lhes, em termos concisos, que, sob a ação do martelo, se dera a explosão do óleo; nunca, porém, este se expandiria, com as devidas consequências, se não estivesse preso, ou confinado.

Acendeu, a seguir, um fósforo, e fez chegar a chama ao líquido. Este ardeu, mas não explodiu.

Durante duas horas, exibiu Nobel ao seu pequeno público o misterioso gigante, sob os seus vários aspectos. Terminou a experiência com algumas reais explosões, para o fim de mostrar o que do mesmo, convenientemente dirigido, se poderia tirar, em resultados' práticos. As provas não podiam ter sido mais esmagadoras e completas.

Se bem que ao escritório de Nobel comesçassem a afluir as encomendas, e uma fortuna já se lhe mostrasse ao alcance da mão, esteve ele, contudo, quase a fracassar, naquela época. Muitos países adotaram leis proibindo o uso do novo explosivo, e os navios se recusam a transportá-lo. Havia pois que descobrir algum meio de eliminar os perigos que tornavam tão temida a nitroglicerina.' Alfred Nobel o inventou, ainda que, na opinião de alguns, por mero acidente.

No norte da Alemanha, há uma terra, leve e absorvente, chamada kieselguhr. Os empregados de Nobel passaram a usá-la, em vez de pó de serra, na embalagem das latas de nitroglicerina. • Acontece que um belo dia, vazando o líquido de uma das latas, notou Nobel que a kieselguhr o absorvia, como o mata-borrão chupa a tinta. Misturou três partes do «caldo» com uma de kieselguhr e eis resolvido o problema. A mercadoria, assim composta, perdera o seu caráter perigoso, e, acondicionada em cartuchos, não oferecia nenhum risco ao navio que a transportasse. Deu-lhe Nobel então um novo nome: dinamite. Decorridos dez anos, fábricas Nobel já elevavam a sua produção à média anual de 3 milhões de quilos.

Aos 40 anos, era nada mais Alfred Nobel que um homem solitário, exausto, melancólico, para quem a vida e o mundo não iam além dos limites de sua atividade industrial. Não tinha sequer um lar. Foi por esse tempo que lhe chamaram «o mais rico vagabundo da Europa. »

Ensaçou mudar de ambiente, dar novos ares ao espírito. Adquiriu uma linda casa em Paris. Voltou ao convívio das obras de Shelley, que fora o deus de sua juventude, e chegou a pensar em escrever. Mas, dominando ao mesmo tempo seis línguas, não viu bem como isolar-se no uso de alguma delas. Na própria conversação sucedia-lhe passar, sem o sentir, de uma para outra, conforme o assunto lhe ia sugerindo.

Era um leitor incansável, não somente de livros técnicos, mas de filosofia e poesia. Gostava dos escritores que lhe revigoravam a confiança no constante progresso da humanidade. Muitas das suas cartas—houve dias, e não poucos, em que as escreveu às dezenas—constituem realmente análises exaustivas de novos romances, peças de teatro, e livros de versos. Começou a escrever dois romances, sem que nunca os terminasse, e, já para o fim da vida, escreveu um drama, que se lhe tornou, a bem dizer, uma preocupação absorvente. Indo a Londres, a uma conferência de negócios, não consagrou ao negócio mais do que cinco minutos; o resto foi para o drama. Estava este a sair dos prelos, quando Nobel faleceu. Os seus testamentários houveram por bem fazer queimar a edição, guardando apenas três exemplares.

Fatigado da solidão, Alfred Nobel, mais de uma vez, pensara em casamento, mas, desde a história de amor dos tempos da mocidade, não encontrar a mulher que se lhe afigurasse apropriada a uma boa vida em comum. Tinha reservas quanto às mulheres, porque, tímido em extremo, e

julgando-se repulsivo, não acreditava que nenhuma se interessasse por ele, senão pelo seu dinheiro. Sem embargo, se alguma senhora atraente procurava ser-lhe amável, aquele homem tão árido se abria como uma flor.

Foi até certo ponto a sua qualidade de solitário que levou Nobel ao estabelecimento do prêmio da paz. Sendo escrita, como era, a sua correspondência, em seis idiomas, tornava-se muito difícil, para ele, encontrar secretário ou secretária que devidamente os manejasse: e nada lhe era mais desagradável que admitir empregados, para ter depois que os dispensar.

Em 1876, uma condessa boêmia, Berta Kinsky, lendo um seu anúncio, apresentou-se. Tratava-se de uma simpática mulher de 30 anos, bem educada, e que, revelando maneiras distintas, dava ao mesmo tempo uma impressão de serenidade e cordura. A figura do misantropo da dinamite, afável, e eventualmente sarcástico, não deixou de exercer sobre ela uma tal ou qual atração. Ela, a seu turno, o impressionou vivamente. Mas não chegou a tomar conta do emprego. Optou pelos amores do jovem barão von Suttner.

Durante o conflito russo-turco, o casal von Suttner trabalhou para a Cruz Vermelha. Berta, agora baronesa von Suttner, trouxe de tudo o que viu uma impressão terrível, e o meio que lhe ocorreu de dar vazão à sua revolta íntima contra os horrores que presenciara foi escrever uma vibrante novela de inspiração pacifista, ou, o que é o mesmo, de condenação da guerra. Também não tardou que lhe reconhecessem uma situação de liderança, à frente do movimento pela paz, tanto vale dizer pelo primado das soluções pacíficas. A baronesa e Alfred Nobel tinham permanecido bons amigos. Ela apelou para ele, pedindo-lhe desse à campanha o seu concurso.

Posto que às vezes levasse o caso em pilhéria, o certo é que o entusiasmo de Berta Suttner acabou por comover a sensibilidade de Nobel. Aliás ela explicava: a questão era menos de dinheiro que de encontrar meios práticos, em uma palavra, um plano, capaz de conduzir eficazmente aos fins que se tinham em vista. Temia que o movimento se fosse situando noutra esfera, que não propriamente a da realidade. Nobel, com os seus altos explosivos, poderia fazer mais, em prol da paz no mundo, do que ela com as suas assembleias, pois, quanto mais as armas militares desenvolvessem o seu poder mortífero, tanto mais as nações horrorizadas iriam renunciando às decisões pela força.

A despeito de suas dúvidas, resolveu Nobel deixar a sua fortuna—que montava a cerca de 9 milhões de dólares—consagrada, toda ela, à fundação de um prêmio, a ser aplicado aos que se distinguissem, em qualquer parte, ou de qualquer maneira, por serviços julgados relevantes à causa da paz. Posteriormente, incluiu prêmios de literatura e ciência—não tanto com o intuito de dar coroas ao mérito de trabalhadores mentais, mas sobretudo com o de preservá-los das privações que, não raro, lhes atormentam a vida, comprometendo-lhes a atividade. Todavia, os termos, muito largos, das suas disposições testamentárias, não permitem às comissões distribuidoras dos prêmios considerar as condições financeiras dos que aos mesmos façam jus.

Quando o governo francês, alarmado diante do fato de ter ele vendido à Itália a sua pólvora sem fumaça, entrou a por algumas restrições

às suas atividades, Alfred Nobel deixou Paris, e foi viver o resto dos seus dias, em austera solidão, na terra italiana de San Remo. Falecendo, por essa ocasião, seu irmão Ludwig, que havia feito uma fortuna em petróleo, supuseram os jornais franceses que se tratava de Alfred, e teve este a satisfação singular de ler, nos ditos jornais, os seus próprios necrológicos. Não eram dos mais amáveis.

Em San Remo, passava a maior parte do seu tempo a trabalhar em borracha sintética e seda artificial. Sentindo-se um tanto mal do coração, recorreu a especialistas, e riu-se ao receber a prescrição do medicamento a adotar: nitroglicerina. Comprou um esfigmógrafo, observou a linha que marcava a irregularidade do seu pulso, e mostrou aos amigos o grau de variação que importaria na morte. Corria o ano de -) 1896. A 10 de dezembro, veio ele falecer.

Já nos seus últimos tempos não ali- mentava a esperança de que agentes' mortíferos mais poderosos viessem a ter praticamente o efeito de amedrontar as nações, impondo, por conseguinte,' de modo indireto, a paz. Inclina-se mais a acreditar em alguma coisa no gênero da Sociedade das Nações.

A sua primeira ideia não foi a de atribuir à instituição do prêmio da paz um caráter de perpetuidade. Dava-lhe,. 30 anos de existência porque, se ao fim de tal prazo não se houvesse chegado a um regime de paz internacional, queria isso dizer que o mundo regressara à barbárie. Disse-o o criador da dinamite, e, mais tarde, do prêmio da paz, em 1893. Trinta anos exatamente decorridos, o mundo entrou em crise, grave que o levou a conflagrar-se, em 1939, como já acontecera em 1914.